

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

DANIEL SANTOS LESSA

SAUDADE, UMA PALAVRA PORTUGUESA

UFRJ/CFCH/ECO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

DANIEL SANTOS LESSA

SAUDADE, UMA PALAVRA PORTUGUESA

Rio de Janeiro

2007

Daniel Santos Lessa

SAUDADE, UMA PALAVRA PORTUGUESA

Monografia submetida à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo

Orientador: Professor Dr. Maurício Lissovsky

Rio de Janeiro

2007

Daniel Santos Lessa

SAUDADE, UMA PALAVRA PORTUGUESA

Monografia submetida à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2007

Prof. Mauricio Lisovsky, Doutor, ECO/UFRJ

Prof. José Henrique, ECO/UFRJ

Prof. Geraldo Vespar, ECO/UFRJ

Prof. Fátima Fernandes, ECO/UFRJUFRJ

**DEDICO ESTE TRABALHO A IZABEL BARRETO E ALICE LESSA, A MEUS PAIS
ISABEL E SERGIO (IN MEMORIAN) E A MEU GRANDE AMIGO LUIZ CLAUDIO
AMARAL. SEM VOCÊS, ESTA OBRA NÃO SERIA POSSÍVEL**

A TODOS QUE SENTEM SAUDADE

**AGRADEÇO A TODOS OS MEUS FAMILIARES E AMIGOS, AO MEU
ORIENTADOR MAURICIO LISSOVSKI E À PROFESSORA FÁTIMA FERNANDES**

RESUMO

LESSA, Daniel Santos. **Saudade, uma palavra portuguesa**. Relatório técnico (graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2007

Documentário com o objetivo de resgatar e documentar as histórias dos imigrantes portugueses que chegaram à cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 40 e 50 e acabaram por se fixar na cidade. O documentário tem como fio condutor a palavra saudade, existente apenas na língua portuguesa. Gravado no formato Mini-DV e editado em ilha de edição digital, o documentário conta apenas com entrevistas dos personagens e cenas de apoio, sempre com o mínimo de interferência possível do entrevistador.

O intuito do trabalho é mostrar em que condições esses imigrantes chegaram ao Brasil e os motivos que os levaram a deixar a terra natal. Além disso, mostrar como se deu a adaptação ao Rio de Janeiro, as relações desses imigrantes com a sua cidade de origem e com os parentes que permaneceram em Portugal, e também a relação com os brasileiros e com os próprios portugueses que encontraram em solo carioca.

DOCUMENTÁRIO, SAUDADE, PORTUGUESES– RELATÓRIO TÉCNICO.

ABSTRACT

LESSA, Daniel Santos. **Saudade, uma palavra portuguesa..** Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Radialismo) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2007

Documentary with the objective to rescue and to register histories of the portuguese immigrants who had arrived at the city of Rio de Janeiro in the decades of 40 and 50 and finished fixing in the city. The documentary has as conducting wire the word saudade, existing only in the portuguese language. Recorded in the Mini-DV format and edited in digital edition island, the documentary was made only with interviews of the characters and support scenes, always with the minimum interference of the interviewer. The intention of the work is to show in what conditions these immigrants arrived in Brazil and the reasons they had to leave the native land. Moreover, to show how was the adaptation to Rio de Janeiro, the relations of these immigrants with its origin city and the relatives who remained in Portugal, and also the relation with the brazilians and the portuguese they found in Rio de Janeiro.

DOCUMENTARY, IMMIGRANTS, MISS – TECHNICAL REPORT.

SUMÁRIO

1 Introdução	10
1.1 Uma história a ser contada	11
1.2 Resgate histórico	13
1.3 Uma justa lembrança	14
1.4 Conceituação do relatório	16
2 Pré-produção	17
2.1 A escolha do estilo do documentário	17
2.2 A seleção dos entrevistados	20
2.3 Locação e material para gravação	21
2.4 Material utilizado	22
3 Produção	23
3.1 Contando histórias	23
4 Pós-produção	25
4.1 Decupagem	25
4.2 Edição	26
5 Considerações finais - Avaliação do processo e do produto	28
5.1 Conclusão	29
REFERÊNCIAS	31

L638 Lessa, Daniel Santos.
Saudade, uma palavra portuguesa / Daniel
Santos Lessa. Rio de Janeiro, 2007.
31 f.

Monografia (Graduação em Comunicação
Social-radialismo) – Universidade Federal do
Rio de Janeiro, CFCH/ECO, 2007.

Orientador: Maurício Lisovsky

1. Documentário. 2. Saudade. 3. Portugueses-
relatório técnico. I. Lisovsky, Mauricio(Orient.).
II. Universidade Federal do rio de Janeiro. ECO.
III. Título

CDD: 791.43

1 Introdução

Saudade e Portugal possuem forte e íntima relação. Afinal, se o sentimento não é exclusivo do povo lusitano, a palavra só existe na língua portuguesa e não encontra correspondente em lugar algum do mundo. Provavelmente, não é mero acaso que o vocábulo tenha sido criado pelos portugueses. Afinal, os lusitanos experimentaram uma verdadeira diáspora em grande parte de sua história, principalmente a partir do Século XV, com a expansão ultramarina. Certamente, a distância da terra natal, do lar e dos parentes foi, é e sempre será um dos principais alimentos para o sentimento chamado saudade, seja qual for o povo.

Variados foram os destinos dos portugueses com o passar dos séculos, fosse o continente africano, fosse o continente americano, ou até mesmo partes da Ásia e da Oceania, em menor escala. Sem contar, é claro, com outros países da Europa, que até hoje recebem lusitanos, principalmente após a criação da Comunidade Européia, em 1957.

Porém, o documentário Saudade, uma palavra portuguesa não pretende estudar a diáspora portuguesa, tampouco suas causas e conseqüências. As origens da palavra saudade, no aspecto filológico, também não são o objetivo. A ambição é apenas registrar e documentar um pouco da história dos portugueses que chegaram ao Rio de Janeiro no fim do movimento migratório para o Brasil, entre os anos 50 e 60 do século passado.

Para tal, nove imigrantes portugueses radicados no Rio de Janeiro foram selecionados e aceitaram participar do projeto. Foram eles que contaram suas histórias e lembranças, dando vida ao documentário.

1.1 Uma história a ser contada

Embora os laços históricos que unem Portugal e Brasil sejam evidentes e indiscutíveis, até por se tratar de país colonizador e colonizado, alguns aspectos dessa relação ainda merecem ser objeto de análise. Um dos pontos dignos de maior atenção é a questão da imigração portuguesa para o Brasil.

A despeito de ter se iniciado com a colonização, por volta de 1530, ou seja, cerca de 30 anos após a descoberta do país pela esquadra de Pedro Álvares Cabral, e ter acabado de forma significativa somente no fim dos anos 50 do século XX, a imigração lusitana no Brasil só começou a ser objeto de maiores estudos em meados de 1980. Até então os dados eram escassos, dispersos e imprecisos, conforme a historiadora Ana Silvia Volpi Scott:

Entre as lacunas mais surpreendentes que podem ser encontradas na produção bibliográfica luso-brasileira está o estudo da imigração portuguesa para o Brasil, embora a entrada de elementos naturais daquele país, desde os inícios da colonização, até meados do século XX tenha deixado marcas indeléveis na evolução da sociedade brasileira. (SCOTT, 2000, p. 126)

A falta de informações sobre o movimento migratório era tamanha que até mesmo o número de imigrantes portugueses no país era uma incógnita, contando os pesquisadores apenas com estimativas. Isso apesar de representar a colônia portuguesa a segunda maior do Brasil, atrás apenas somente da colônia italiana, e de o Brasil ter sido, do século XVIII até o período antes da Primeira Guerra Mundial, no início do século XX, o ponto de chegada preferencial do povo lusitano, como destaca o historiador e pesquisador Joaquim da Costa Leite:

“O Brasil foi o principal destino da emigração portuguesa. As estatísticas brasileiras registram a entrada de cerca de 942 mil imigrantes portugueses no período 1855-1914.”
(LEITE, 2000, p.27)

O fator de atração era ainda maior, principalmente, entre os moradores das aldeias portuguesas, como são chamadas pequenas áreas rurais sem autonomia administrativa, geralmente localizadas no interior do país. Eles viam no pedaço de terra do outro lado do Atlântico uma chance de conseguir melhores condições de vida e mudar, definitivamente, seus destinos, assim como o de seus familiares, como bem relata Eugênio dos Santos.

A emigração revelou-se como um dos comportamentos mais marcantes da sociedade portuguesa, sobretudo a partir do século XVII. [...] Desde os princípios do século XIX e durante mais de um século o Brasil corporizou o sonho de um Eldorado que fascinou muitas centenas de milhares de portugueses. (SANTOS, 2000, p.44)

Ao descaso com que o assunto foi tratado ao longo dos anos somaram-se fatores que dificultaram a pesquisa sobre o tema. O principal seria o de que os lusitanos, ao chegarem ao seu novo país, rapidamente sumiam na mancha urbana, pelos mais diversos motivos.

Por exemplo, como contavam com uma rede de inserção social praticamente estabelecida, a maioria não passava por estabelecimentos oficiais para receber esses viajantes, como as casas de hospedagem existentes em Santos, em São Paulo e no Rio de Janeiro, entre outras cidades. Convidados por parentes ou amigos que já residiam no Brasil, muitos lusitanos já chegavam ao país com um local para se estabelecer inicialmente e, em muitos casos, com promessa de emprego, dispensando o apoio do estado e, com isso, passando ao largo de registros oficiais.

Outro ponto que não pode ser esquecido é a facilidade representada por compartilharem, portugueses e brasileiros, a mesma língua, o que trazia grande vantagem de adaptação. Por fim, até mesmo o fato de terem nomes e sobrenomes semelhantes aos dos brasileiros dificultava, posteriormente, que esses imigrantes fossem identificados.

Porém, embora estudos nos últimos 20 anos tenham recuperado o terreno perdido a respeito do assunto, ainda há outro ponto que merece atenção. Trata-se da história dos imigrantes que aqui chegaram nos últimos momentos do movimento migratório, ou seja, nos anos 40 e 50 do século passado, e aqui estão até os dias de hoje.

É deste tema que se ocupa o documentário Saudade, uma palavra portuguesa, com o detalhe de estar restrito à cidade do Rio de Janeiro. Não seria possível em um trabalho de fim de curso estender o tema a todo o Brasil. Fosse pelo tempo escasso, pelas dificuldades financeiras e, até mesmo, pelo volume de informações, já que a comunidade lusitana está espalhada por todo o país.

No documentário proposto, o objetivo é passar ao largo da história oficial, que reúne política e economia, principalmente. A intenção é resgatar a história dos portugueses que se adaptaram ao seu novo destino, constituindo família e ganhando a vida em solo brasileiro, tendo o vocábulo saudade como fio condutor.

Palavra essencialmente portuguesa, já que não existe similar em outra língua, ela é a certeza de um elo indissolúvel entre o viajante que chega ao Brasil, mas jamais esquece sua terra, seus costumes e, claro, seus parentes e seus amigos. Como diz Eugênio dos Santos, “O emigrante português mantém uma forte ligação com sua terra de origem.” (SANTOS, 2000, p. 44)

1.2 Resgate histórico

O documentário Saudade, uma palavra portuguesa tem como objetivo resgatar e registrar as memórias de imigrantes portugueses que participaram do período final do movimento migratório, nos anos de 40 a 50 do século XX. Por que vieram, como vieram, quem deixaram

para trás, a adaptação à nova terra, a relação com o povo carioca, onde foram morar, as dificuldades, e tantas outras perguntas que foram surgindo ao longo do trabalho.

Em resumo, aspectos da vida cotidiana que passam geralmente ao largo da história "oficial", mas que nem por isso são sem ou de menor importância. Como já existem vários trabalhos com enfoque na história política e econômica, a meta aqui é dar voz a uma parcela importante da população residente no Rio de Janeiro, que acabou por se misturar e praticamente sumir no tecido social da cidade.

1.3 Uma justa lembrança

Recuperar e registrar ao menos parte da história dos imigrantes portugueses é recontar parte da história da própria cidade do Rio de Janeiro, assim como a de seu povo.

Vindos no último período do movimento migratório de Portugal para o Brasil, esses imigrantes ainda não tiveram suas histórias e memórias devidamente registradas. São pessoas em sua maioria de origens simples, das chamadas aldeias portuguesas, mas nem por isso com menos importância no desenvolvimento da cidade.

Seja na economia, ao constituir mão-de-obra para os mais diversos setores, desde serviço até construção civil, assim como ao abrir estabelecimentos comerciais, fossem padarias, restaurantes, pensões ou, como eles próprios dizem, qualquer comércio.

Os portugueses, obviamente, também influenciaram a vida social do Rio de Janeiro, ao trazerem costumes, manterem tantos outros de seus compatriotas que já residiam na cidade, ao

formarem família, e, por fim, ao estabelecerem novos laços e vínculos com os cariocas, deixando marca significativa na cidade, tanto cultural quanto economicamente.

Exemplos não faltam. Na culinária, as dezenas de restaurantes portugueses, além da influência cotidiana nas cozinhas das residências. Os clubes regionais, tradicionais pontos de encontro dos patricios, como eles se auto-denominam, estão espalhados por toda a cidade. Estabelecimentos como a Casa dos Poveiros (Tijuca), Casa do Trás-Os-Montes (Tijuca), Casa dos Açores (Tijuca), Casa das Beiras (Tijuca), Casa do Minho (Laranjeiras), Casa do Espinho (Vista Alegre) e Casa Aldeias de Portugal (Jacarepaguá), entre outros tantos, são pontos de encontro dos patricios, como eles se auto-denominam.

Na seara esportiva, a maior contribuição se deu com o Clube de Regatas Vasco da Gama, instituição centenária e reconhecida mundialmente por seus resultados, seja no futebol, seja nos esportes olímpicos. Mas o clube localizado em São Cristóvão não está só: tem a companhia, por exemplo, da Associação Atlética Portuguesa, na Ilha do Governador, e do Clube Ginástico Português, no Centro do Rio.

No comércio, a influência é evidenciada pela presença maciça dos portugueses. Seja nos bares, botequins, padarias, açougues e mercearias, ou até mesmo em grandes grupos empresariais, como o de supermercado Sendas, que pertencia ao empresário português Artur Sendas.

A lista ainda conta com diversas outras contribuições dos portugueses. O Real Gabinete Português de Leitura, com sua biblioteca destinada às obras luso-brasileiras; e o Hospital Beneficência Portuguesa são mais dois exemplos. Também há as contribuições oficiais, como o Jardim Botânico, Biblioteca Real (agora Biblioteca Nacional) e a Real Academia de Belas

Artes (agora Museu Nacional de Belas Artes). E até mesmo no sotaque carioca, considerado o mais próximo, dentro do Brasil, ao sotaque português.

Portanto, o documentário Saudade, uma palavra portuguesa serve para preencher uma lacuna que os meios oficiais e acadêmicos raramente se ocupam: a das pequenas histórias e do cotidiano de pessoas comuns. E diretamente das fontes primárias, antes que não seja mais possível entrevistar muito desses imigrantes devido, em muitos casos, à idade avançada.

1.4 Conceituação do documentário

Saudade, uma palavra portuguesa traz a palavra de nove imigrantes portugueses que chegaram ao Rio de Janeiro entre as décadas de 40 e 50, e na cidade continuaram a viver.

Gravado no formato miniDV, o documentário apresenta quais eram as condições de vida, a chegada ao novo destino, a adaptação do imigrante em sua nova terra, as dificuldades de adaptação, as relações com seus novos vizinhos, a constituição de uma família em solo estrangeiro, as condições de trabalho e a saudade, seja de Portugal, de costumes de sua terra, assim como de seus parentes e amigos.

2 Pré-Produção

Da definição do estilo do documentário até o processo de gravação, um longo caminho foi percorrido. A opção pelo tipo do documentário, por exemplo, implicava questões éticas e técnicas, além das estéticas, é claro.

Escolher o suporte de gravação, de maneira que fosse economicamente viável, mas com um mínimo de qualidade foi outra etapa desta fase do trabalho. A opção pelo formato miniDV foi óbvia, já que havia facilidade para obtenção do material, facilidade de operação da câmera e de edição, já na fase de pós-produção.

Por fim, da seleção dos entrevistados e a definição sobre as locações. Estabelecer contatos iniciais, agendar encontros, fazer a seleção dos que estavam dispostos a participar, além de decidir por gravar nas residências ou locais de trabalho dos personagens foram os últimos passos da pré-produção.

2.1 A escolha do estilo do documentário

Optar pelo estilo de documentário denominado Participativo (Nicholls, 2005) não foi tão complicado. São seis vertentes, ou expressões, de documentários existentes de acordo com o autor: Poético, Expositivo, Observativo, Participativo, Reflexivo e Performativo.

O Documentário Poético, de acordo com o autor, tem ligação com o movimento modernista. Suas características são a valorização da estética, da forma e do ritmo. Ou seja, em prejuízo, por contrapartida, da relação de continuidade entre tempo e espaço. Uma de suas

peculiaridades, portanto, é o uso de narrativa muitas vezes não-linear e/ou tradicional, distante do pretendido em nosso trabalho. De fato, o Documentário Poético tem como intenção a reconstrução de um estado de espírito, valorizando a subjetividade de quem o assiste.

O modo Expositivo pode-se dizer que é praticamente o oposto do anterior. Traz consigo uma linha argumentativa e retórica, com objetivo de ensinar algo a quem o assiste. O uso de narrador onisciente é comum, com o objetivo claro de direcionar a atenção do público. Com isso, a imagem passa a ter um papel secundário, apenas para comprovar o que é dito. A aparição de uma personalidade ou autoridade com saber reconhecido sobre o assunto também é comum neste tipo de documentário, com intuito de aumentar a credibilidade do que ali é mostrado.

O problema, no entanto, é que não espaço para subjetividade, o espectador dificilmente constrói uma visão crítica sobre o tema mostrado. Ou seja, pode ser, em muitos casos, quase que uma imposição dos responsáveis pelo documentário.

O Modo Observativo tem relação com a revolução nos equipamentos cinematográficos a partir da década de 60 do século passado. Com câmera, equipamentos de áudio e iluminação, entre outros, bem mais leves, a produção de filmes se tornou mais dinâmica. Com isso, alguns cineastas tentaram registrar o cotidiano, a vida no momento em que ela transcorria, sem interferências. Apenas com um olhar observador, sem narrações, músicas de fundo, legendas, edições ou repetição de movimento para a câmera, reconstituições históricas. Nem mesmo entrevistas, a meta era apreender a ação dos personagens sem que a câmera, assim como o diretor, constituíssem em uma interferência.

O modelo foi contestado por trazer questões éticas. Até que ponto filmar alguém, sem que essa pessoa soubesse disso, era ético? Invasão de privacidade foi uma das polêmicas levantadas por esse tipo de documentário. Além disso, até que medida o cineasta não era responsável pelo que se passava diante das câmeras? Por exemplo, em vez de socorrer uma pessoa em situação de perigo, gravar ou filmar o momento?

Sem contar com a ambigüidade, já que o diretor do documentário simplesmente escolhe o que vai registrar. Logo, isso já é uma intervenção, ainda que os atores muitas vezes não tenham conhecimento do que se passa.

Para nosso documentário, coube escolher o modelo descrito como Participativo, por buscar um encontro de uma verdade que não seja absoluta, muito menos manipulada, mesmo sabendo que não existe documentário que não sofra manipulação, pois não existe imparcialidade absoluta neste terreno.

Por isso, o modo Participativo levanta questões como o controle do autor sobre o entrevistado, seu interesse no assunto e no que pretende mostrar ou provar, seu controle sobre o tema abordado, sobre as perguntas feitas. O diretor, por interrogar o personagem, direciona o assunto e tem responsabilidade até sobre as emoções do entrevistado.

Apesar dos problemas descritos acima, o objetivo é dar voz aos atores. Não há intenção de revelar emoções ou reflexões que tenham caráter pessoal para o autor. O que importa mostrar é o resultado das diversas vozes dos personagens.

Já o documentário Reflexivo é baseado na relação entre diretor e público. São obras que põem em questão o próprio processo de produção do documentário, para mostrar ao espectador que sempre haverá manipulação neste processo. Quem assiste à obra é levado a perceber que a realidade ali apresentada foi construída a partir da montagem. O que se põe é: o que é verdade?

Por último, o modo Performático. Mais recente entre os estilos de documentário, é assumidamente subjetivo. O objetivo é mostrar e apresentar temas de uma maneira pessoal, estimulando a subjetividade do espectador, menos pela argumentação e muito mais pelo aspecto emocional. Para o cineasta ou diretor deste documentário, importa que sua visão pessoal seja mostrada e sirva para a reflexão do público.

2.2 A seleção dos entrevistados

A escolha dos entrevistados é parte fundamental num documentário. Se o diretor ou o produtor envolvido no trabalho assim quiser, ele pode se restringir a escolher apenas um determinado grupo de pessoas, de modo que reproduzisse sua visão de mundo ou que provasse sua tese. Porém, em Saudade, uma palavra portuguesa não se tem a intenção de provar algo, mas apenas mostrar e registrar parte da vida dos imigrantes portugueses que residem no Rio de Janeiro.

Apesar disso, ainda se corria o risco de se restringir a um determinado grupo. Porém, o receio se dissipou. Apesar de não dispormos de estatísticas, ao começar a estabelecer a rede de contatos para agendar as entrevistas, a ampla maioria dos personagens eram de comerciantes, principalmente no caso dos homens, ou de donas-de-casa, quando no gênero feminino.

Conquanto isso pudesse representar um problema, ficou evidente que seria difícil fugir deste destino. Afinal, isso era apenas uma reprodução, em escala menor, do que realmente se passa com a grande maioria dos portugueses que participaram do movimento migratório nas décadas de 40 e 50.

Uma exceção foi com a vice-presidente da área cultural do Real Gabinete Português de Leitura, Gilda Santos. Formada em Letras, com mestrado e doutorado na área, ela foi procurada pelo autor para auxiliar na pesquisa do material de apoio. Ao se revelar portuguesa, foi convidada e aceitou participar do documentário.

Como ela reconheceu, os motivos da vinda para o Brasil, assim como o destino aqui, raramente mudavam para os imigrantes portugueses. Porém, sua qualificação acadêmica e sua relação com a cultura luso-brasileira proporcionaram uma contribuição valiosa, uma voz destoante em relação às demais. Seu depoimento foi uma agradável exceção, que ajudou a deixar o documentário mais rico.

Enfim, foram 25 pessoas contatadas, das quais nove concordaram em participar das gravações. São elas Abel Augusto Pereira Afonseca; Antonio da Rocha Amaral; Clementina de Paiva Afonseca; Delmina Jesus Teixeira; Gilda da Conceição Santos; Joaquim Gonçalves; José Fernandes; Maria Adelaide da Piedade Sampaio; Maria da Rocha. Era mais que o suficiente para fazer o curta-metragem pretendido, com cerca de 25 minutos.

2.3 Locações e material para gravação

A escolha do formato de miniDV se deu por motivos econômicos e práticos. Sem apoio financeiro, o documentário ficaria inviável se não houvesse uma solução mais econômica e

que, ao mesmo tempo, trouxesse um mínimo de qualidade. Para a gravação, os custos previstos eram apenas os de deslocamento para as locações e os com as fitas de miniDV, já que a câmera pertence ao autor do trabalho.

Para iluminação, foram usadas duas lâmpadas halogênicas de 1000 watts, ambas em tripé. Não houve custo, já que as lâmpadas e os tripés foram tomadas por empréstimo. E as locações se restringiram às residências ou aos locais de trabalho dos entrevistados, dispensando a necessidade alugar espaço para a realização do documentário.

Por fim, a parte de pesquisa contou apenas com o deslocamento do autor para os locais necessários, além da pesquisa por internet, o que minimizou custos. Foram consultados o Real Gabinete Português de Leitura e a Biblioteca do Arquivo Nacional, ambos situados no Centro do Rio de Janeiro.

2.4 Material utilizado

Saudade, uma palavra portuguesa foi realizado com os equipamentos:

- Câmera miniDV Samsung SC-D353
- Fitas miniDV (16 unidades)
- Microfone de lapela Sony ECM 44B
- Lâmpadas halogênicas de 1000 watts
- Computador Imac G5
- Software Final Cut para Macintosh para edição (corte final)
- Software Imovie para decupagem e edição bruta

3 Produção

Produzir nada mais é que pôr em prática tudo aquilo que foi planejado anteriormente. Por isso, é neste momento que ficam evidentes os erros da fase anterior, a pré-produção. É hora de começar a tornar concreto o que foi pensado.

Às dificuldades técnicas, inevitáveis por conta dos poucos recursos, somou-se a pouca experiência do autor, principalmente nas primeiras entrevistas. Conduzir um documentário foi um desafio muito mais difícil do que o previsto. Fosse pela preocupação em não desrespeitar a ética, explorando os limites e as emoções dos personagens, fosse em apresentar um resultado final que não fosse distorcido, que pudesse soar caricato ou piegas, por exemplo.

3.1 Contando histórias

A parte da produção, como de se esperar, foi uma das mais complicadas do documentário. Primeiro, foi necessário um auxiliar de direção, no caso o bacharel em Comunicação Social Luiz Cláudio Amaral, que ajudou não só na condução do documentário, mas principalmente com iluminação, sonorização e com a própria gravação. Depois, foi preciso conciliar os horários e datas do autor do trabalho com os do seu auxiliar e dos entrevistados.

Além disso, as dificuldades durante as gravações não foram poucas. Problemas na iluminação e com o material utilizado se sucederam, já que trabalhou-se com material de baixo custo e em quantidade reduzida.

Outro problema foi o fato de as locações não serem isoladas. Se contribuiu positivamente para que o entrevistado se sentisse mais à vontade, em outras vezes o vazamento de ruídos estranhos ao documentário atrapalhou o desenvolvimento do mesmo. O som de uma freada ou um latido simplesmente poderiam cortar e interromper um depoimento importante, como de fato chegou a acontecer. Nestes casos, é preciso admitir que a espontaneidade chegou a ser comprometida.

As gravações se sucederam em 12 dias, porém descontínuos. O trabalho foi gravado no dias 15, 16, 22 e 23 de setembro; 6, 13, 14, 20 e 21 de outubro; 10 e 29 de novembro.

4 Pós-Produção

A última fase do projeto consistiu em decupar todas as entrevistas para, a partir das falas registradas minuto a minuto, realizar a montagem do documentário. Era chegada a hora de contar uma história de forma que, de 12h de material bruto, cerca de 25 minutos, no máximo, fossem suficientes.

4.1 Decupagem

A decupagem foi realizada em dois dias diferentes e foram gastas cerca de 12 horas de trabalho. Para facilitar a tarefa, foi utilizado o software Imovie. Todo o material gravado foi digitalizado para só aí ser decupado no computador.

Durante a execução de decupagem, ficou claro que a edição ia ser a tarefa mais complicada do documentário. Afinal, havia mais de 12 horas de gravação, enquanto o produto final precisava ter apenas 25 minutos, no máximo.

Entretanto, com o auxílio do Imovie, já foi possível pré-selecionar uma hora e quarenta minutos de material. A partir dessa primeira seleção, partiu-se para a edição e para a montagem final do projeto. E também já foi possível estabelecer o roteiro do documentário, de forma definitiva.

Decidiu-se que depois das apresentações de cada um dos entrevistados, o documentário seguiria a seguinte ordem:

- a) Vida em Portugal, sobre as condições de vida dos entrevistados ainda em Portugal;
- b) Sonho, com os motivos que trouxeram estes imigrantes ao Brasil;
- c) Chegada, com a adaptação e a nova realidade ao novo país;
- d) Saudade, onde os portugueses, por fim, falam a respeito do sentimento.

4.2 Edição

A edição foi toda realizada de forma digital, através dos programas Imovie e do Final Cut, ambos tendo como plataforma um computador Imac G5. Além disso, foi utilizado o programa Adobe Photoshop para a elaboração de todas as cartelas do documentário.

A arte das cartelas foi feita utilizando de fundo uma foto de uma parede de azulejos localizada em Olinda (BARRETO, 2005). Além da edição no Adobe Photoshop, foi usada a fonte Garamond para as letras.

O trecho da música que se ouve no encerramento do documentário chama-se “Haja o que houver (MADREDEUS, 1997).

Sobre a montagem do material, vale destacar que, apesar das facilidades proporcionadas pelo avanço da informática, foram muitos os percalços. Como descartar cerca de 1 hora e meia de material, isso depois de já ter feito uma primeira seleção e dispensar nada menos que mais de dez horas de gravação?

Sem contar que era preciso preservar o depoimento dos entrevistados, de modo que a parte selecionada não distorcesse o que havia sido dito. A questão era diminuir substancialmente a

quantidade de material sem prejuízo da integridade dos personagens, assim como preservar uma narrativa com início, meio e fim.

Durante a montagem, ficou claro também que era possível não só ditar o ritmo do documentário, mas dar o tom que fosse desejado ao produto final. Se o autor assim quisesse, poderia transformar um entrevistado, fosse numa pessoa chorosa com o distanciamento de sua terra natal e parentes, fosse em alguém magoado com seus parentes ou com os brasileiros, ou até mesmo, a depender do caso, numa pessoa preconceituosa.

Uma solução encontrada na edição foi a de tentar construir os personagens de modo que um complementasse a fala do outro, sempre sobre o mesmo assunto. Quando, por exemplo, Antonio Amaral diz que sua vida em Portugal era na lavoura, Joaquim Gonçalves aparece em seguida e fala sobre as dificuldades de se plantar em uma terra árida. Por sua vez, a entrevistada Gilda Santos foi o contraponto do documentário, por ser a única com uma trajetória distinta após a chegada ao Brasil.

5 Considerações finais - Avaliação do processo e do produto

Sem qualquer receio, é justo dizer que o produto ficou longe do imaginado. Primeiro, as limitações técnicas do formato foram maiores que o imaginado inicialmente. Os recursos da câmera miniDV se mostraram aquém do pretendido, assim como a iluminação usada, que em determinados momentos não resolveu de maneira satisfatória as condições da locação em questão.

É importante ressaltar que a falta de tempo do autor, assim como a disponibilidade reduzida dos entrevistados também impediu que o trabalho chegasse ao nível pretendido. As gravações com cada um dos selecionados durava cerca de uma hora, com mais aproximadamente uma hora para a preparação do local e meia-hora para desmontagem do equipamento ao término da gravação. Não há dúvida que com mais tempo para produzir todas as etapas da gravação, o resultado final teria sido bem melhor.

Ficou claro também que a pouca experiência foi determinante para que o resultado técnico não fosse plenamente atingido. Neste momento, se fez notar que as lições na faculdade foram de grande serventia, mas somente a prática confere subsídios para driblar os problemas, principalmente os de ordem técnica e material.

Do início das gravações para o fim, o pode-se perceber o que estava errado e era possível aperfeiçoar. Por exemplo, melhorar a iluminação pela simples mudança de enquadramento, ou obter um ganho na qualidade do som ao evitar deixar o entrevistado na direção do vento. Coisas simples, mas que após a gravação exigiam que o trabalho fosse refeito, devido à pobreza técnica, impondo outro problema, que é a perda da espontaneidade, tão importante no tipo de documentário pretendido. Ou, pior, na impossibilidade de se refazer parte da

entrevista, a decisão era entre usar o trecho com baixa qualidade técnica ou simplesmente não utilizar.

A direção das entrevistas em si foi outro desafio. A escolha por tentar influenciar o menos possível no discurso dos entrevistados se mostrou impossível na prática. Afinal, é preciso perguntar e estimular os personagens, muitos deles visivelmente desconfortáveis com a presença de câmera, microfones, tripés e equipamento de iluminação. Desta forma, muitas vezes foi necessário conduzir o entrevistado até que ele falasse sobre os temas pretendidos.

Porém, a parte mais complicada foi fazer a edição e a montagem. Foram 12 horas de material gravado que, necessariamente, tinham de ser condensadas para 24 minutos, no máximo. Isso de maneira que o documentário tivesse início, meio e fim, de acordo com o roteiro pré-estabelecido. Sem contar a necessidade de construir também os próprios personagens entrevistados.

O receio era fazer um filme que mostrasse o imigrante português de forma caricatural ou até mesmo preconceituosa. As chances eram grandes, assim como o risco de explorar, de modo pouco ético, algumas revelações de caráter estritamente pessoal.

5.1 Conclusão

Apesar dos problemas, foi positivo realizar o documentário. Tanto pelas lições aprendidas pelo autor, mas também pelo resultado. Os imigrantes portugueses puderam registrar parte de suas histórias, muitas vezes se emocionando com as lembranças de sua terra, assim como com

o resgate de seus primeiros anos no Brasil. Além disso, muitas questões foram levantadas e merecem ser objeto de pesquisa mais detalhada.

Questões trabalhistas, como a dos muitos portugueses que desembarcaram no Brasil já devedores de seus patrões, tendo que pagar as passagens dos navios que os trouxeram de Portugal. Empregados, fossem domésticos ou em casas comerciais, que eram obrigados a trabalhar mais de 12h por dia, com apenas quatro horas de folga por semana, geralmente na tarde de domingo, por exemplo.

Além disso, pretende-se continuar o trabalho. A intenção é fazer um média-metragem de cerca de uma hora de duração, com mais entrevistados e em melhores condições técnicas. Para isso, estuda-se o apoio financeiro de alguns parceiros, além da intenção de participar de mostras e festivais.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Izabel, (**Azulejo colonial português em Olinda**). 2002. Fotografia tirada da parede de um convento em Olinda, Recife. 1 fotografia, formato digital, color.

LEITE, Joaquim da Costa. **A Viagem**, Os Brasileiros De Torna-Viagem. Lisboa: CNCDP, 2000. P. 27-39)

MADREDEUS. **Haja o que houver**. Intérprete: Madredeus. In: Madredeus. O Paraíso. Veneza: 1997, EMI. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1 (4 min 31s)

NICHOLS, Bill. **Introdução Ao Documentário**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2005.

SANTOS, Eugénio dos. **Os Brasileiros de Torna-Viagem No Noroeste de Portugal**, Os Brasileiros de Torna-Viagem. Lisboa: CNCDP, 2000. P. 44-52)

SCOTT, Ana Silvia Volpi, “Verso e reverso da imigração portuguesa: o caso de São Paulo entre as décadas de 1820 a 1930”, **Oceanos**, nº 44. Lisboa: 2000, p. 126 – 142)